



---

## ALEXANDRE E NGUNGA: MATURIDADE E DESCOBERTA

\*\*\*

## ALEXANDRE AND NGUNGA: MATURITY AND DISCOVERY

Ediliane Gonçalves<sup>1</sup>

**Recebimento do texto:** 20/02/2016

**Data de aceite:** 15/03/2016

**RESUMO:** Neste artigo, tomaremos como objeto de reflexão as obras *A casa de madrinha* (2002) e *As aventuras de Ngunga* (2013), com enfoque na trajetória feita pelas personagens Alexandre e Ngunga em busca de liberdade. Situiremos nosso estudo na investigação comparatista das duas obras, observando convergências e divergências mostradas pela errância e pelo aprendizado dos protagonistas. Para tanto, apoiar-nos-emos teoricamente nos estudos desenvolvidos por Abdala Jr. (2003), Zilberman (1998;1987), Souza (2015), Justo e Nascimento (2005), entre outros. Apontaremos na ficção de Lygia Bojunga e Pepetela, a viagem como o signo da busca humana, ou seja, por meio de uma vida errante, desenvolve-se a busca diária de uma razão para a existência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura; Infância; Fantasia; Errância; Maturidade.

**ABSTRACT:** In this article, we will take as the object of reflection the books *A casa de madrinha* (2002) and *As aventuras de Ngunga* (2013), with focus of discussion in the trajectory of characters Alexandre and Ngunga seeking freedom. We will point out our study in comparative research of the two books, observing convergences and divergences shown by wandering and learning of the protagonists. Therefore, the theory that will support the studies was developed by Abdala Jr. (2003), Zilberman (1998), Souza (2015), Justo and Nascimento (2005), among others. Will point in the Lygia Bojunga and Pepetela fiction the trip as the sign of human search through a wandering life develops the daily search for a reason for existence.

**KEYWORDS:** Literature; Childhood; Fantasy; Wandering; Maturity.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Literários. UNEMAT - Campus de Tangará da Serra. [dilly200527@gmail.com](mailto:dilly200527@gmail.com) Orientador: Prof. Dr. Aroldo José Abreu Pinto.





Nas obras em estudo, o espaço e as circunstâncias de vida das personagens são diferentes, porém o histórico humano é o mesmo para os protagonistas. É preciso mudança, deixar a adolescência e tornar-se homem. *A casa da madrinha* (2002) conta a história de Alexandre, um menino pobre, morador de favela no Rio de Janeiro e vendedor ambulante na praia. Ele sai em busca de sua madrinha, vivendo aventuras e desventuras num caminho errante e promissor. Já *As aventuras de Ngunga* (2013) conta a história de Ngunga, um adolescente que vive em uma Angola dominada pelos colonialistas portugueses. Em meio a luta, ele deseja ser guerrilheiro, mas sofre com a solidão e com o abandono em sua trajetória.

Nessas obras, podemos comprovar que a literatura infantil “interioriza os fatores que estão na raiz de sua produção como gênero literário, valendo-se seja dos recursos ligados ao maravilhoso e à fantasia, [...] ou ainda respeitando os limites do verismo”. (ZILBERMAN, 1998, p. 109). É assim que Lygia Bojunga e Pepetela apresentam suas obras, fazendo com que embarquemos em uma viagem cheia de descobertas.

A fantástica descoberta “não é [...] sinônimo de angustiante [...] artificialmente pré-fabricado para a infância, mas qualquer espécie de fantástico em que a criança encontra seu bem”. (HELD, 1980, p. 22). O fantástico é multiforme e qualquer definição será provisória e incompleta. Ele contempla o adulto e a criança.

É assim que observamos, no texto, Alexandre sacudindo e batucando a caixa para chamar atenção das pessoas para o *show* que ele e o Pavão fazem para sobreviver na estrada – é o começo de *A casa da madrinha* (2002): – “Atenção, atenção! Vocês já viram um pavão? Aposto que não. Ainda mais um pavão como o meu: ele fala. Ele dança, ele sabe fazer mágica, ele é genial!”. (BOJUNGA, 2002, p. 07). O Pavão havia passado





---

por vários cativeiros (escolas) que deixaram seu pensamento limitado. Alexandre o encontrou durante a viagem, e eles seguiram juntos. Dentro da verdade literária proposta pela obra, aportada em um mundo imaginário, a ave fala, dança e faz mágica, constituindo-a uma fábula que apresenta atitudes humanas em animais.

*As aventuras de Ngunga* (2013) iniciam com o choro de um personagem menino por causa de um ferimento no pé. Lava-se, arruma a comida para a viagem e segue. O garoto era um “órfão de treze anos. Os pais foram surpreendidos pelo inimigo [...] O pai que era já velho foi morto imediatamente. A mãe tentou fugir, mas uma bala atravessou-lhe o peito. Só ficou Mussango, que foi apanhada e levada para o posto”. (PEPETELA, 2013, p. 10). A trajetória de perdas na vida do protagonista não interfere em seu caráter e nos seus desejos de mudança. Ele andava só e aprendia com tudo que via tendo como companheira a liberdade.

O personagem não tinha casa, vivia com Nossa Luta, ou então saía a viajar pelos kimbos, visitando amigos e conhecidos. Ele já tinha uma vida livre, sem muitas regras, nem ninguém responsável por ele. De acordo com Lajolo (2000, p. 86), essa obra “tem apelo das obras feitas no calor da hora, escrita que foi na manhã de dez dias, debaixo de uma árvore, numa carteira da mata, na frente Leste”. E dentro dela, o protagonista apresenta uma enorme capacidade de sonhar. O brincar da criança é o faz-de-conta, o imaginário, o fantástico que estabelece uma relação dialética com o real. A realidade do momento era um país devastado pela guerra e a luta pela vida. A imaginação alimentava o desejo do personagem em ser guerrilheiro, defender seu país e lutar contra costumes injustos.





---

Nos parece pertinente o estudo de Abdala (2003, p. 18), que vê no sonho de Ícaro, a manifestação simbólica do desejo humano de voar, a sede de conhecimento:

É o sonho de quem procura novos horizontes, um princípio de juventude [...]. É olhando para frente, sonhando com o futuro [...] que se torna possível concretizar objetivos. Essa atitude é mais adequada do que aquela que poderia advir do sonho noturno, que teima obsessivamente em olhar para trás, melancolicamente contemplando ruínas.

As atitudes contempladas na trajetória dos protagonistas os colocam dentro da capacidade de voar/sonhar, procurar visualizar de cima a saída do labirinto que se tornou uma prisão, pois a palavra encerra em si a poesia; é a partir dela que o real é liberado, criando novas alternativas para chegadas e saídas

Alexandre e Ngunga carregam poucas coisas durante a viagem. Para tanto, improvisaram uma mala: o primeiro usava uma caixa que era de vender sorvete, dentro dela tinha garfo, colher, faca, um toco de lápis, um livro de história, uma caneca e uma panela. O segundo trazia um saquinho velho com “um cobertor de casca de árvore, um frasco vazio, um pau para limpar os dentes, a fiska ao pescoço e a faca à cinta”. (PEPETELA, 2013, p. 16). Esses objetos representavam uma riqueza diminuta e simbólica para esses dois em sua própria pátria, concedendo-lhes a sensação de possuir algo. Os caminhos percorridos pelos personagens faz que o leitor reflita sobre o conceito de errância, pois ambos seguem ser ter um destino certo.

A carga que levam, cada um deles com sua particularidade, comprova quão incerta é a busca. Pois os caminantes,





---

[...] normalmente, levam consigo apenas uma muda de roupa, um plástico para se protegerem da chuva ou forrar o chão para dormir, a cascuda (vasilha para colocar a comida que ganham), a ‘pá’ (colher para comer), uma garrafa d’água. (JUSTO; NASCIMENTO, 2005, p. 177).

Mesmo com algumas diferenças, encontramos elementos em comum na bagagem de ambos os personagens. É nesse sentido que entendemos que a trajetória deles se caracteriza como errância. Alexandre, ao sair da favela no Rio de Janeiro, abandona uma vida de privação e segregação social. Ngunga parte do kimbo, de Nossa Luta, por uma Angola devastada entre a força opressora portuguesa e os guerrilheiros angolanos a defender a independência de seu país.

Os dois jovens não entendem o mundo adulto: mundo de egoísmo e prepotência que os fazem sair em busca de um lugar melhor. Nesse sentido, ressaltamos que

[...] a fantasia é um importante subsídio para compreensão do mundo [...] ela ocupa as lacunas que o indivíduo tem durante a infância, devido ao seu conhecimento com o real; e ajuda-o a ordenar suas novas experiências. (ZILBERMAN; MAGALHÃES, 1987, p. 16).

Essa é a razão que faz com que Ngunga e Alexandre persistam em suas buscas e se lancem a um destino errante em nome da fantasia que reelabore suas experiências, mesmo as desagradáveis.

Alexandre gostou de se encontrar com Vera depois do *show*. Teve um breve abrigo no sítio dos pais dela, naquele momento revelou a verdade sobre a viagem. “Que viagem? Tô indo pra casa da madrinha”. (BOJUNGA, 2002, p. 16). O leitor é informado sobre o destino da viagem de Alexandre: um lugar aonde, segundo Augusto (irmão mais velho), se deveria ir andando toda vida. Alexandre saiu do Rio de Janeiro num domingo. Nesse dia, ele





estava decidido a viajar, avisou o pessoal em casa, trabalhou, e só saiu à tarde.

Entendemos que a produção literária infantojuvenil se desvencilha da transmissão de normas quando

[...] dirige-se preferencialmente aos processos de escrita [...] mencionando as preocupações com a simbolização da situação infantil e a investigação de seu mundo interior, como procede Lygia Bojunga Nunes [...] a produção para crianças define-se antes pelo seu caráter literário. (ZILBERMAN, 1998, p. 83).

Importa analisar o sentimento que move o ser ficcional na obra, um olhar que se abre a partir da visão adolescente com suas sensações e incertezas na descoberta da vida. Mesmo assim, o teor da obra não abandona o poder dessa arte feita por palavras, que é a literatura. Ambos os autores têm aberto um caminho fecundo em seu projeto de escrita.

A literatura deve ser vista a partir daquilo que Abdala intitula de **plurivocidade discursiva** para expor conflitos, falas inacabadas, mas que guardem um passado capaz de continuar ecoando no futuro através do entremeado de fios que compõe cada cultura buscando “intersecções” e “confluências” em outros cenários. É por isso que o fantástico parte do humano, pois ao mesmo tempo que está em todo lugar não está em lugar algum, é o ângulo do olhar que faz com que ele ocorra sempre coadunado com o olhar do homem. A escritura, que ora observamos, ultrapassa os limites entre fantasia e realidade, mesmo que encontremos em Alexandre e em Ngunga crianças em condição de abandono, não é afastada delas a capacidade de sonhar, de ser alegre, de alimentar esperanças. Os dois adolescentes são expostos a fatos vitais do homem como nascimento, morte, abandono e doença, sem tabus onde a fantasia coloca no olhar uma saída sem sentimentalismo.





---

A sedução que a casa da madrinha exerceu sobre Alexandre, desde que Augusto contou a história, foi implacável. Era o lugar dos sonhos para ele que começou a trabalhar muito cedo: “Comecei vendendo biscoito, eu era muito pequeno, tinha que carregar coisa leve. Cresci um pouco, passei pra amendoim. [...] Cresci mais e passei pra sorvete”. (BOJUNGA, 2002, p. 17). A dura realidade desse menino não tirou dele o sentimento de busca, o desejo de pôr-se a caminho em nome de um desejo. Um lugar idílico perdido entre o imaginário e o real. As “fronteiras do fantástico são tênues, fluídas, relativas a tal momento preciso do vir-a-ser humano”. (HELD, 1980, p. 62). Alexandre não ignorou seu devir, a princípio um acontecimento banal e cotidiano: visitar a madrinha, até o momento que toda utopia representada pela casa vem à tona na narrativa.

Dentro do livro voltado para infância/adolescência/juventude, a fantasia é quem aciona o imaginário do leitor, é o espaço onde são expostos os conflitos pessoais ou sociais do herói:

a literatura fantástica e poética é, antes de tudo e indissociavelmente, fonte de maravilhamento e de reflexão pessoal, fontes de espírito crítico, porque toda descoberta de beleza nos torna exigentes e, pois, mais críticos diante do mundo. (HELD, 1980, p. 324).

Esse maravilhamento mencionado pela crítica é o que transborda as obras de Pepetela e Bojunga, e permite que haja reflexão sobre o assunto por parte de quem com elas se envolve.

Maravilhamento mostrado por Bojunga quando lemos: “Vamos andar a cavalo?” (2002, p. 89). Momento em que a fantástica viagem se inicia. O cavalo imaginário apareceu do jeito que eles pediram, os três montaram e seguiram a galope, saltaram no rio. Para Held,





---

A narração fantástica reúne, materializa e traduz todo um mundo de desejos: compartilhar da vida animal, libertar-se da gravidade, tornar-se invisível, mudar seu tamanho e – resumindo tudo isso – transformar à sua vontade o universo. (1980, p. 25).

Alexandre, Pavão e Vera galopam no cavalo que haviam imaginado, vencem o pomar, quase se encostam aos galhos e espinhos. Gritam no galope de uma montaria, criada pela força da imaginação, capaz de romper com o racional.

Para Ngunga, o universo se transforma a sua volta pelo poder da imaginação e do sentimento. “O sol nascente começava a girar à toa, as árvores se torciam e o vento cantava”. (PEPETELA, 2013, p. 65). A gravidade é abandonada e o homem se apropria do desejo de voar. A vida é fonte de maravilhamento, por causa da jovem Uassamba que ele conheceria.

Contudo,

[...] a errância se desdobra como um processo negativo, mostrando as consequências sociais de uma dita expulsão edênica, representada pela negligência parental e pela falta de responsabilidade do Estado. (SOUZA, 2015, p. 99).

O mundo desconhecido é mistério e aventura numa idade em que crescer certamente atrai, mas também assusta. Quebrar paradigmas é o caminho que Alexandre e Ngunga traçam na errância em busca de um ideal que os coloca a caminho negligenciados pela família e pelo poder público. O que deveria acolher é aquele que repele.

Na beleza do espaço hostil, em que Ngunga se encontra, é possível esquecer a ideia de abandono e ampliar a visão de solidão em que ele vive: “O sol escondia-se por trás das matas, do outro lado do kuando. A despedir-se, iluminava o céu de vermelho, enquanto as nuvens pequenas recebiam





primeiro a escuridão da noite”. (PEPETELA, 2013, p. 15). A imagem destoa do tormento da guerra, o jovem pensa em voltar ao kimbo, mas ninguém o esperava ou, ao menos, sentiriam a sua falta. Ninguém o vestiu quando precisava, só sobrou a lembrança da morte. É momento de muita tristeza para Ngunga, que, incomodado pelos mosquitos, segue em busca de uma aldeia.

A criança sente falta de diálogo, por isso

[...] reprime curiosidades que gostaria de expressar, acontecimentos capitais para ela, que gostaria de contar, descoberta que seria tão bom se pudesse partilhar com alguém. Estoca na memória e reprime. Cala-se. (HELD, 1980, p. 139).

Talvez por isso, Alexandre tinha necessidade de ouvir. Sem oportunidade de falar, via nas histórias que o irmão contava, espaço para descoberta e, também, breve momento para compartilhar. Foi num instante como esse que ele soube da casa da madrinha. Augusto relata:

Até que não é grande não, é pequena. Toda branca. E tem quatro janelas. A gente abrindo a janela do lado vê o mar, lá embaixo; e abrindo a do outro lado vê o mato. A casa fica bem no alto de um morro. [...] É um morro pequeno. Bem redondo. Bem no fim de uma estrada. E é todo tapado de flor. [...] Tem um caminho que vai passando no meio delas até chegar em casa, estreito assim. [...] Dá justinho pra você passar. (BOJUNGA, 2002, p. 48).

A casa da madrinha é o lugar dos prazeres: representa o sonho acordado. Augusto fala sobre o armário branco que dá comida, enquanto o garoto reclama do enorme buraco que tem na barriga, o irmão aconselha: dorme que o buraco passa. Vemos que há convergência das obras em mais esse aspecto, pois tanto Alexandre quanto Ngunga passam por privações alimentares. As frutas da mata ou mel eram alimentos de Ngunga, na sua





penosa travessia. Mesmo quando alguém lhe oferecia comida, essa era sempre precária e limitada. Diferente de Alexandre ele seguia uma busca velada, talvez nem mesmo ele soubesse o que buscava, mas partiu motivado pelo inconformismo.

Há em cada obra, uma ideia

[...] prospectiva, porque pela amostragem de novas possibilidades propicia experiências futuras: a obra convencional e retrospectiva, porque valida experiências passadas sem redimensioná-las criticamente. (ZILBERMAN e MAGALHÃES, 1987, p. 54).

De maneira que fugindo da convenção *As aventuras de Ngunga* e *A casa da madrinha* possibilitam a reestruturação das experiências apontando para vivências futuras.

Ao tratar de convergência entre as obras, queremos destacar, também, os conceitos de macrossistema literário e sistemas literários nacionais, desenvolvidos por Abdala que sugerem contato articulatório com as literaturas de Língua portuguesa, num sistema mais amplo onde Brasil e Angola são participantes:

Conforme já afirmamos, a formação de cada uma das literaturas nacionais se processa contra a simples assimilação aos centros culturais de prestígio. Nesse sentido, a própria veiculação linguística em português é base contextual para uma atualização diferenciada, quando os textos veiculados são objeto de apreensão e de transformação em cada país. (ABDALA, 2003, p. 111).

Nesse contexto, os sistemas nacionais de Língua Portuguesa, no caso brasileiro e angolano, se comunicam e se identificam por meio do processo histórico, opondo-se aos centros culturais de prestígio e articulando dentro de sua arte o “colorido” próprio de sua terra. Se o processo de aculturação





colonial visava à anulação da cultura do outro, nesse caso isso não aconteceu:

Importa à literatura engajada não o fato de olhar para fora de seu país, mas a consciência crítica do sentido ideológico do trabalho artístico realizado. [...] O jogo artístico, a ser articulado na dialética região/país, ou país/países de língua portuguesa, ou ainda países de língua portuguesa/literaturas de outros sistemas linguísticos. [...] Apropriar não implica sujeição a um modo de articulação textual que nos seja exterior, exterior às nossas culturas. (ABDALA, 2003, p. 117).

Observamos nas obras de Pepetela e de Bojunga o quão presente está este trabalho artístico que olha para fora de seu lugar, falando de uma representação de um adolescente universal, com as mesmas inquietações e dúvidas sobre o doloroso processo de crescer e a desigualdade social desde a colonização. Cada sistema literário nacional fala de si sem abandonar as verdades humanas e sem sujeitar-se a um sistema estrutural externo.

Os protagonistas das obras que aqui estudamos se encontram com a escola, lugar marcante na trajetória dos dois. Esse encontro assinala mais um elemento de convergência entre as obras. O comandante Mavinga, diz a Ngunga:

És um rapaz esperto e corajoso. [...] Chegou agora um professor que vai montar escola aqui perto. Deves ir para lá, aprender a ler e a escrever. Não queres? Ngunga ficou silencioso. Escola? Ouvira falar, isso sim. Era um sítio onde tinha de se estar sempre sentado, a olhar para uns papéis escritos. Não devia ser bom. (PEPETELA, 2013, p. 227/28).

A curiosidade foi aguçada, conheceria o professor e a escola, se não lhe agradasse colocaria novamente o saquito nas costas e partiria dali. No entanto, a escola se tonaria o motivo da peregrinação de Ngunga. Uma cubata de capim era a escola, alguns bancos de madeira e uma mesa:





diferente do que ele imaginara. E o professor era jovem, sorridente com disposição para ensinar a vida. Fizeram festa.

Por outro lado, na escola, Alexandre conheceu a professora e a maleta que ela sempre levava consigo. Uma professora que trabalhava para solucionar os problemas sociais, revolucionária, que valorizava o conhecimento de cada criança. Augusto “[...] matriculou Alexandre na escola; comprou uniforme, caderno, livro; [...] – Pronto garoto, agora bota a cuca pra funcionar”. (BOJUNGA, 2002, p. 48). A professora era jovem e gostava de contar histórias engraçadas, tinha uma maleta gorducha que guardava pacotes de muitos tipos, conforme a cor e o jeito do pacote era o tema da aula.

Em pouco tempo, a escola deixaria de existir para Ngunga, pois foram atacados, só ele e União (o professor) se encontravam lá, foram vencidos e presos. O jovem pouco podia fazer, lamentou por não ter aprendido escrever. Para Alexandre, as coisas pioraram, pois roubaram a maleta da professora e toda sua inventividade. As coisas em casa pioraram e ele precisava trabalhar mais. Contudo, a escola marcou para sempre a vida dos garotos, cada um à sua maneira.

É no transitar dos sonhos que o voo (mencionado anteriormente) encontra sua base e se completa no protagonismo das obras:

Quando analisamos a obra de Pepetela, procuramos vê-la nos gestos de seus atores, sejam eles personagens, narradores e as marcas implícitas do próprio autor. Seus heróis são paradigmas que não se circunscrevem apenas a Angola. Apresentam na verdade modelos de conduta extensíveis à condição humana – um paradigma do homem em geral em sua história e no seu impulso de transformação. (ABDALA, 2003, p. 241).





Diante da citação acima, acreditamos que ambas as obras, aqui trabalhadas, expressam esse compromisso humano, disposto a romper os limites impostos na história de um homem, de um povo. Bojunga e Pepetela, por meio de suas narrativas, aproximam seus heróis do cotidiano da sociedade, dando voz àquele que se apresenta como Alexandre e Ngunga, tão despídos socialmente de poder. No entanto, o imaginário é o poder que comanda todos os outros, pois, por meio dos meninos de “pés no chão”, busca-se um ideal.

Sendo assim, a visão edênica da infância/adolescência se contrapõe à errância vivida por Alexandre e Ngunga, uma vez que esta

[...] tem várias faces, através de narrativas diversas na humanidade [...] algumas positivas, com aventuras voluntariamente assumidas, levando a uma desterritorialização de pertencimentos arraigados; outras negativas, como desenraizamento involuntário, acentuando a violência das travessias de territórios desconhecidos. (SOUZA, 2015, p. 83).

Conforme as palavras da estudiosa, fica claro que a errância se dá na negligência, isso elimina os quadros afetivos e/ou de intimidade familiar: colo, casa, quarto, escola. Nesse sentido, os personagens se encontram expostos à disposição de outrem em busca de um lugar que lhe inspire a ideia de pertencimento, sem a infância idealizada, sem raízes, a cruzar por territórios inóspitos.

Bojunga não limita a presença infantil em seus textos, não apaga a possibilidade do surgimento de seus mundos:

Por meio do devir-criança abre-se a brecha para a construção de uma linguagem, ainda pouco explorada, para se pensar a literatura a partir da infância – não a infância como alegoria da origem ou do porvir, como símbolo de uma miragem do novo e da pureza, como a própria materialização da essência; mas a





---

infância como um outro modo de ver e criar o mundo, com uma poética, capaz de articular de um ponto de vista deslocado, que pode, sim, conter também, mas não apenas, o arcaico, a origem, o novo, a promessa e a pureza. (MATA, 2015, p. 18-19).

A inventividade traz um sujeito ficcional atuante e criativo, assinalando seu lugar. Nessa poética, encontramos Alexandre e Vera, na escuridão, brincando com a cara do medo e desenhando uma porta: saída para romper a cerca que os isolam e inaugurar um novo momento em sua vida. Do outro lado da porta, encontraram o Ah (o cavalo imaginário), que havia sumido, lá tinha uma estradinha iluminada por uma lua cor de abóbora, montaram, foram andando:

Lá na frente tinha um morro pequeno, redondo e cheio de flor. [...] uma casa bem branca, com uma janela de cada lado, e mais uma porta azul. Alexandre meio que ria, meio que se engasgava com tanta alegria, e Vera só dizia: - E eu que pensei que você nunca ia chegar lá. (BOJUNGA, 2002, p. 97).

Era a casa da madrinha, o objetivo tão sonhado tinha sido alcançado (mesmo que por pouco tempo), tudo era do jeito que ele imaginou. Esse lugar representa o cuidado e a segurança que os pés errantes de Alexandre desconheciam até aquele momento da vida. “A casa da madrinha figura como metáfora a engendrar a invenção que acena para a possibilidade do vir-a-ser”. (PAPES, 2008, p. 79). Essa possibilidade é a única certeza do viajante que atravessa territórios para construir sua história.

No desenvolver das obras, observamos que “no espelho ficcional refletiam-se os conflitos políticos e sociais, as referências à sexualidade, à realidade trágica e cruel das relações humanas”. (CHAVES; MACEDO, 2009, p. 23). Vemos tanto em Alexandre quanto em Ngunga a vivência de todos esses conflitos, bem como, os conflitos pessoais que afetam a vida do





adolescente. As relações humanas que os faziam ver crueldade nos adultos, o despertar do amor com Vera e Uassamba, respectivamente. Uma mudança aconteceu a Ngunga, tornando-o sério, preocupado. Contudo, ele mostra integridade que o encaminha para o autoconhecimento e a consciência política propiciada pela viagem. Alexandre também mudou: indícios de que a maturidade estava chegando. No amanhecer de outro dia, Alexandre decide ir embora. A estrada não era para chegar a um paradeiro, mas sim para toda vida.

O menino está atingindo o autoconhecimento, ganhando confiança para prosseguir na sua caminhada particular; realiza a sua escolha e engendra a própria história de ser homem. Revela a possibilidade do não-ser que se desloca da ficção para a vida, onde se encontra o herói comum de cada dia. (PAPES, 2008, p. 93).

Ao pegar o lápis na caixa, que era sua mala, para anotar o endereço de Vera, Alexandre faz uma descoberta: “A flor amarela que enfeitava o peito da porta azul. Como ela veio parar na minha mala?”. (BOJUNGA, 2002, p. 112). Foi em busca do que ela guardava. Simbolicamente, esse é o momento em que a transformação acontece, pois “Alexandre pegou a chave e guardou no bolso: [...] Lembra do que o Augusto falou: [...] no dia que eu botasse a chave da casa no bolso, o medo não ganhava mais de mim”. (BOJUNGA, 2002, p. 112). O menino se tornou homem, dono de suas próprias emoções para ir em busca de seus ideais, não coadunando com um lugar marcado. Agora, porém, há uma diferença, não é mais um errante, suscetível as suas inseguranças, a chave está no bolso e com ela portas se abrem e o entendimento se descortina para novas aventuras.

A viagem da infância à maturidade, rito de passagem, acompanha Alexandre em suas aventuras pela cidade e pelo





---

campo. [...] atravessa o escuro, vence o medo e chega finalmente ao seu destino. Com a chave no bolso sente-se capaz de enfrentar a vida. (SANDRONI, 2011, p. 128).

Para Ngunga, restou a revolta contra os costumes, a venda de mulheres, as regras que ninguém questionava. Com esse sentimento ele reencontra Uassamba, porém o mundo estava contra seu desejo, os costumes eram cruéis. Ele deveria partir, conheceria outras terras, outras pessoas. A vida seguia torturando-o com suas marcas. “Ngunga caracteriza-se, então, como o herói que não deseja riqueza, honra, poder ou imortalidade, mas que aspira à integridade, ao conhecimento e à sabedoria”. (CHAVES; MACEDO, 2009, p. 233). Esse é o herói da literatura infantojuvenil, que foge do tradicional, valoriza o “fazer” e o “ser” em formação, além do questionamento da autoridade.

Simbolicamente, assim como aconteceu a Alexandre, Ngunga colocava a chave no bolso. A mudança havia chegado, Ngunga não mais existia, partia sozinho para desbravar outros campos, ia à escola. Desta maneira, observamos que “descortina-se nessa viagem aquele horizonte, eminentemente temporal, em que se encerram as vivências: tudo aquilo que o indivíduo deseja, pretende ou possui capacidade de vir a ser”. (PAPES, 2008, p. 81). Tanto para Alexandre quanto para Ngunga, conforme as obras apontam, a viagem continua num constante “vir a ser”, que ultrapassa fronteiras e supera limitações.

A errância do herói ficcional é a mesma de cada sujeito que está em busca de mudanças, de novas experiências, desencadeadas voluntariamente ou não. O herói pode estar dentro de qualquer um, sempre disposto a desbravar territórios para conhecer o outro e a si mesmo. Pois,





---

[...] na errância nada é justificado ou negado, é por meio dela que as verdades e os erros desaparecem [...] a errância encontra-se distante tanto do erro quanto da verdade. (GUIMARÃES, 2010, p. 214-220).

Ambas as narrativas apontam para um caminho que se segue, uma busca que é universal e individual ao mesmo tempo, pois cada homem deve percorrer a errância que lhe cabe rumo à maturidade. No entanto, a divergência fundamental no caminho dos personagens protagonistas se mostra na forma com que cada um continua sua caminhada, sem apelos que os levem a formular a ideia de erro ou verdade no destino errante que perseguem. Alexandre segue a esmo um caminho, sem uma direção certa; porém, sabe que quando chegar, ele tem a chave. Ngunga já segue resoluto, vai à escola, deixa de existir enquanto “ser individual” e se torna “ser universal”.

O espaço criado na obra literária para o devaneio é um espaço humano por excelência, pois foi criado pelo homem. Nesse sentido, entendemos que o fantástico é feito por seres reais e parte de circunstâncias cotidianas. Da mesma forma que a trajetória de Ngunga e Alexandre aconteceu rumo ao desconhecido. Abre-se o caminho à fantasia, aguça a imaginação como toda literatura juvenil que se quer livre de arquétipos e fórmulas prontas. Indicam um caminho de maturidade que transcende o caminho errante dos personagens para falar da própria literatura.





## Referências

- ABDALA JUNIOR, Benjamin. **De voos e ilhas**: Literatura e comunitarismos. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOJUNGA, Lygia. **A casa da madrinha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- GUIMARÃES, Rodrigo. Kostas Axelos: o “jogo da errância” desarticulando teorias. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, S/L, v. 6, p.130-213, 2010.
- HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder**: as crianças e a literatura fantástica. Tradução de Carlos Rizzi. São Paulo: Summus, 1980.
- JUSTO, José Sterza; NASCIMENTO, Eurípides Costa do. Errância e delírio em andarilhos de estrada. In: JUSTO, José Sterza et al. **Psicologia: reflexão e crítica**. São Paulo: UNESP, 2005. pp. 177-187.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da Leitura para a leitura de mundo**. São Paulo: Ática, 2000.
- MACEDO, Tânia; CHAVES, Rita. **Literaturas de Língua Portuguesa**: Marcos e marcas – Angola. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- MATA, Anderson Luis Numes da. Infância na literatura brasileira: tema, conceito, poética. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**. S/L, v. 46, p.13-20, jul./dez. 2015.
- PAPES, Cleide da Costa e Silva. **A vivência e a invenção na palavra literária**. São Paulo: Humanitas, 2008.
- PEPETELA. **As aventuras de Ngunga**. Belo Horizonte: Nadyala, 2013.
- RAMALHO, Denise do Passo. **Trocando tarefas**: meu caso de amor de leitora com a obra de Lygia Bojunga. 2006. s/n f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, PUC, S/l, 2006.





---

SANDRONI, Laura C. **De Lobato a Bojunga**: as reações renovadas. 2ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SOARES, Licia Souza de. Infância e errância: imagens da criança abandonada na ficção brasileira. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**. n. 46, p. 79-103, jul./dez. 2015.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 10ed. São Paulo: Global, 1998.

\_\_\_\_\_. MAGALHÃES, Ligia Cademartori. **Literatura Infantil**: autoritarismo e emancipação. São Paulo: Ática, 1987.

